

REPRESENTATIVIDADE NA DIPLOMACIA: AVANÇOS E DESAFIOS DO SÉC XXI- MULHERES EM CARGOS DE POLÍTICA EXTERNA: COMPARANDO BRASIL, FRANÇA E ÁFRICA DO SUL

ODS (5, 10)

A representatividade feminina na diplomacia constitui um dos grandes desafios contemporâneos. Embora avanços tenham sido alcançados em algumas regiões, a inserção de mulheres em cargos de política externa ainda é marcada por barreiras institucionais, culturais e sociais. Esse cenário revela tensões entre narrativas de igualdade formal e práticas que mantêm estruturas excludentes. Este estudo propõe analisar comparativamente os contextos do Brasil, da França e da África do Sul, a fim de compreender em que medida a presença feminina na diplomacia reflete transformações sociais e quais desafios persistem para a construção de uma representação internacional mais inclusiva. A pesquisa tem como objetivo analisar em que medida a presença feminina em espaços de formulação e execução da política externa revela transformações sociais, assim como os obstáculos históricos que limitam uma diplomacia mais representativa. A metodologia adotada baseia-se no materialismo histórico-dialético, com base em Karl Marx e Friedrich Engels, permitindo compreender que a exclusão das mulheres na diplomacia não é natural, mas resultado de processos históricos de desigualdade, hierarquização social e relações de poder. Em diálogo com a teoria crítica, especialmente Herbert Marcuse, o estudo problematiza a naturalização da sub-representação feminina e questiona como os Estados constroem narrativas de igualdade que muitas vezes não se traduzem em práticas institucionais. A análise comparativa entre Brasil, França e África do Sul permite identificar padrões distintos: o Brasil ainda enfrenta barreiras ligadas ao elitismo e à pouca diversidade no Itamaraty; a França avançou em políticas de igualdade formal, mas convive com barreiras informais; e a África do Sul, após o apartheid, adotou medidas mais firmes de inclusão, mas ainda enfrenta desigualdades estruturais. Conclui-se que a presença feminina na diplomacia, embora tenha avançado nas últimas décadas, ainda enfrenta barreiras estruturais que limitam sua plena efetivação. A análise comparativa entre Brasil, França e África do Sul demonstra que cada contexto apresenta conquistas e desafios específicos, mas todos evidenciam a necessidade de políticas consistentes de inclusão e igualdade. Assim, a diplomacia se revela como espaço estratégico para promover a equidade de gênero e fortalecer a representatividade internacional, em consonância com os ODS 5 e 10, em especial a meta 5.5, que propõe assegurar a participação plena de mulheres em cargos de liderança, e a meta 10.3, que busca reduzir desigualdades e discriminações. Portanto, a pesquisa entende a diplomacia como um espaço estratégico para promover a igualdade de gênero e construir uma representação internacional mais inclusiva.



Palavras-chave: África do Sul. Brasil. Diplomacia. França. Mulheres.